



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS (NOTURNO)

MARCELLA SARDINHA MOURA

**GUIMARÃES ROSA: DAS LEMBRANÇAS DE GUERRA À
PROPOSTA DE EXÍLIO**

BRASÍLIA –
2015

MARCELLA SARDINHA MOURA

**GUIMARÃES ROSA: DAS LEMBRANÇAS DE GUERRA À
PROPOSTA DE EXÍLIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Português, na Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Fabrícia Wallace.

BRASÍLIA –

2015

GUIMARÃES ROSA: DAS LEMBRANÇAS DE GUERRA À PROPOSTA DE EXÍLIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, como exigência para a obtenção de grau em licenciada em Letras – Português, da Universidade de Brasília – UnB.

Aprovada em: __/__/____.

Prof^ª. Dr^ª. Fabrícia Wallace
Universidade de Brasília - UnB
Orientadora e Avaliadora

GUIMARÃES ROSA: DAS LEMBRANÇAS DE GUERRA À PROPOSTA DE EXÍLIO

Por Marcella Sardinha Moura

Ave, Palavra, um livro póstumo de miscelâneas narrativas, é a base da análise deste trabalho. Através da análise dos contos/relatos/histórias “O mau humor de Wotan”, e “A velha”, estabelecerei uma relação entre o sentimento de não pertencimento de Guimarães Rosa, presente na sua adaptação à realidade europeia e o estranhamento causado por uma quebra de padrões inerentes a sua nacionalidade em terra estrangeira

Guimarães Rosa não foi exilado. O escritor, que também era diplomata, foi mandado a trabalho para a Alemanha Nazista de Hitler. Durante sua estadia na guerra, o escritor não parou de escrever, mas suas memórias estão guardadas em um diário que não pode ser publicado, sobrando a mim, as pequenas histórias contidas no livro abordado neste trabalho.

A problemática crucial deste estudo será analisar as lembranças do autor com relação à guerra e o estranhamento proporcionado pelo afastamento dos padrões culturais e sociais de sua pátria, sugerindo um sentimento de exílio por parte de Rosa. Através destes pequenos contos, temos indícios de não-pertencimento do autor na cultura alemã, e é a partir destas evidências que construirei um estudo sentimental do Cônsul em seu não-lugar.

Para que exista uma caracterização do estudo do exílio, é necessário que se aproveite todas as vertentes que o tema disponibiliza, e um exílio sentido pode ser uma forma de se enxergar o assunto. E é por isso que este trabalho está sendo realizado. O intuito é recriar o sentimento de Guimarães Rosa e mostrar que, de certa forma, o escritor estava exilado.

A metodologia adotada na pesquisa é análise dos contos citados e a leitura e aproveitamento das literaturas publicadas sobre o exílio. Edward Said será o autor teórico ligado ao tema-base da pesquisa em questão. Suas experiências servirão como ponto de partida para a análise sentimental das histórias de Guimarães Rosa e a resolução da problemática desta pesquisa.

“O mau humor de Wotan” é uma história sobre a vida de uma família ariana de classe média, amiga do narrador, situada na Alemanha Nazista de Hitler. Aparentemente, nada demais. Porém, essa família teve seu destino desenhado pelo mais cruel deles – a morte. Não qualquer morte, mas sim, causada pelo mau humor de Hitler – a quem o autor, estrategicamente, reproduz como Wotan (ou Odin), o Deus da Guerra.

O narrador inicia a história sugerindo o destino do personagem central.

“Hans-Helmut Heubel relia a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, retocável pelo homem. Por saudade, com isso me ponho em remontar à causa ou série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E retorno a Márion.”

(ROSA, 2009, p. 32)

Somos introduzidos a esse personagem do relato de Guimarães Rosa, Hans-Helmut Heubel, um alemão patriota que não desafiava ao *Führer*, uma pessoa que poderia ser católica ou judia, não importa, pois, afinal, teve o mesmo fim que os milhões de judeus mortos pelo sistema. Era a releitura tanto da Bíblia como da Cabala. O destino deste alemão, triste e violento, irreversível e concreto, foi traçado minuciosamente pelo regime totalitário. O narrador se põe a lamentar quando lhe recorda as saudades de outros tempos, a saudar outros momentos mais felizes. E nestes momentos de pensamento alegre, logo lhe recorda a Márion, uma menina que por quem foi (quase) apaixonado.

A realidade desta introdução é saudar a recordação de Márion, aquela doce menina que outra vez conhecera, e não há como dissociar a imagem de Márion da lembrança de Hans-Helmut Heubel. Márion, de fato, é a personagem central deste relato, pois a lembrança foi vivida em função dela e, dela é que lhe sobra saudade.

Assim se passa a uma descrição da jovem, “Marión Madsen, gentil afino de origem – alemã, dinamarquesa e belga (ROSA, 2009). Branca, ariana, assim é descrita as origens de Márion, com certo distanciamento de origens, descrevendo o quão estrangeira a jovem parecia para o narrador. Pois, assim vê o exilado, o ambiente a sua volta parece completamente estranho e distante, assim como o povo que pertence àquela pátria, pessoas com características diferentes que costumam causar maior afastamento de unidade, pois não parecem combinar com a sua visão cultural e social nacionalista. Assim, como descreve Edward Said, em sua reflexão sobre o exílio: “Chegamos ao nacionalismo e a sua associação essencial ao exílio. O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural.” (SAID, 2003). Márion é o exato contrário do nacionalismo do

narrador, a personagem não apresenta traços que sejam compatíveis com o lugar, o povo e a herança cultural e estética que são referenciais ao narrador.

Márion, então, se casa com o suposto personagem principal do conto, Hans-Helmut e torna-se *Frau* Heubel, apenas quinze dias antes do maior massacre da Segunda Guerra Mundial, o ataque à Polônia, introduzindo o personagem na vida do narrador e dali se começa a história a seguir. Como arianos que eram, estavam fora de perigo. Os Helmut tiveram uma bela lua de mel com o dinheiro do governo, alheios aos massacres proporcionados pelos alemães.

O narrador encontra em Hans Helmut um amigo, sobre o qual traça uma personalidade minuciosa.

[...] porquanto Hans-Helmut formara-se o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem mesmo nem germânico, a não ser pelo estimar a ordem em trabalho contínuo, mas uma profundidade nebulosa no indagar a vida e o pausado método de existir.

Nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito [...]. (ROSA, 2009, p. 33)

Ao montar esse perfil do personagem, percebe-se que o narrador procura afastar o amigo de sua nacionalidade alemã e aproximá-lo da sua, latina, criando uma ambientação mais familiar a si para tentar justificar sua amizade com o estrangeiro que era não só de outra nacionalidade, como defendia sua pátria lutando por ela.

Porém, o narrador não parecia concordar com a guerra, e muito menos, com os alvos dela, citando Churchill para basear seus argumentos antinazistas. “Minha aliada era a mãe, *Frau* Madsen, que me fazia repetir, cada discurso de Churchill. Lutava-se, em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava *skat*” (ROSA, 2009, p. 35).

Encontrava na mãe de Márion – assim como encontrou na personalidade pouco germânica de Hans Helmut –, um refúgio para que pudesse reconstruir sua ambientação, sua cultura deixada para trás, acreditando possuir uma ideologia mais vitoriosa que a dos estrangeiros. Esta é uma característica, que segundo Said, é inerente ao exilado. “Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado” (SAID, 2004). Tentam reconstruir à sua volta o seu lugar “familiar” e, ao mesmo tempo, sentem-se

superiores, pois acreditam fazer parte de um povo que triunfou sob as circunstâncias, que venceu na vida.

Passados mais amigos, o narrador e o personagem discutem sobre a guerra. “- Sul Americano, você deseja a vitória de países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo do Nazismo, como podemos querer derrota? Que fazer?” (ROSA, 2009, p. 40). Neste trecho, vemos que nem o narrador e nem o personagem estão felizes com a guerra. Um torce contra a vitória alemã e o outro não vê como poderia torcer pela derrota de seu país. O sentimento de nacionalismo de ambos transparece mesmo sob tais circunstâncias. Tanto do narrador, que não compactua com os objetivos da guerra, quanto do personagem que não vê saída a não ser torcer pelo melhor de seu país sobre todas as coisas. O narrador continua ligado a sua pátria – que durante a guerra assume posição contra o nazismo e tenta persuadir o amigo a aceitar a sua ideologia. Lembrando que o estrangeiro, no caso, é o narrador, percebemos que este tenta, de certa forma, impor a sua ideologia política e social ao amigo, voltando sempre à tentativa de criar um ambiente familiar e acolhedor em um lugar que lhe causa estranhamento.

O narrador, ainda, observava os estrangeiros que não eram seus amigos, com certa antipatia. Assim foi quando conheceu a amiga de Márion, Annelise, a quem chamava de “capitãzinha”, o marido dela, Capitão K – que se encontrava no mesmo regimento de Hans-Helmut - e ao pai de Annalise, a quem conferiu uma personalidade descrita como “externo, espesso, sem feitio nem aura”. Note que o autor demonstrava o não acolhimento de outras pessoas para o seu ciclo social e considerava a presença deles desafiadora à intimidade e ambientação que havia construído a sua volta a partir deste casal alemão. Pois, o exilado não se sente confortável ou seguro em seu lugar temporário, assim como descreve Said: “O exílio jamais se configura como estado de estar satisfeito, plácido ou seguro”. O narrador sentia necessidade de ser resguardar e fazer o mesmo com seus amigos.

Porém, mesmo na presença dos amigos íntimos, ainda não se sentia pertencente àquela pátria, via-se como um intruso: “- Para onde o mandaram Marionzinha? Pode você confiar isso a um ‘estrangeiro inamistoso’?” (ROSA, 2009, p. 45). Vemos que mesmo com toda a intimidade que possuía com a personagem – chamava-a por apelidos íntimos – ainda assim, via que não pertencia ao mesmo lugar que a moça, portanto, tal segredo, talvez, poderia não ser confiado a ele. Mesmo usando da ironia de sua atual situação, o narrador estava sempre destacando, de um jeito ou de outro, que não pertencia à Alemanha; fazia questão de sempre se lembrar de sua pátria – e aos outros. Fez de sua estadia na Alemanha não a sua casa, e sim

o seu lar temporário, não se apropriando da nacionalidade e nem vendo aos alemães como compatriotas. Era um exilado em um lugar não definitivo. O narrador procura não perder a sua identidade nacionalista, pois, como diz Said, seria a perda da existência de seus referenciais: “O exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela - o que é verdade para todo exílio não é a falta de pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos” (SAID, 2003).

A seguir, teremos o distanciamento de Márion de sua pátria, quando evidencia que o homem que traçou o caminho de seu marido era “[...] um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses” (ROSA, 2009, p. 50). Márion enxerga aquele homem com distanciamento e estranheza, deixando claro que “os desses” não são “os nossos”, portanto se exclui daquela ideologia por ela citada. Levando em conta que a personagem, no começo do conto é descrita como simpatizante do *Führer*, porém, vemos agora uma Márion que já não é adepta da ideologia alemã nazista, colocando-a em um lugar suspenso entre a sua nacionalidade e sua ideologia pessoal, assim como tantos outros alemães que se encontravam no limbo nacionalista; exilados de sua pátria dentro do seu próprio lugar.

Esse tipo de exílio dentro da própria pátria foi também a situação de vários judeus durante o nazismo. Aquela que antigamente era a sua pátria e reconhecidamente sua nacionalidade, durante a guerra transformou-se em um não-lugar que causava medo e estranhamento, assim como é narrado no conto “A velha”.

[...]o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio – rouco, raivoso. Contra eles, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, primeira ordem seria matá-los?

(ROSA, p. 241, 2009)

Neste trecho, o narrador explica a situação dos judeus durante o nazismo e também parece se compadecer da fase em que os estrangeiros enfrentam. Mas é uma judia específica, uma velha, que ganha a atenção do narrador. Após ignorar diversas vezes as chamadas da personagem, o narrador-personagem decide atender ao pedido da velha e vai até sua casa.

A velha – para a surpresa do narrador – falava o português do mais perfeito. Neste momento, o narrador sente uma ligação com a velha judia, como se de alguma forma, ambos partilhassem de uma mesma herança cultural ou pátria, visto que estavam partilhando a

mesma língua, assim como com Hans-Helmut, o narrador logo lhe imagina em situações culturais semelhantes a dele, para poder estabelecer uma conexão direta com aquele estrangeiro e tentar criar uma ambientação mais intimista durante a sua visitação.

Falava-o, tão perfeitamente, e não mais naquela dicção fosca, mas ressurgida, anos d'ora-atrás. E vi – que a voz às estâncias da idade: que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, conversar-se-ia, outro tempo, em solar e saraus, em tertúlias, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbotado.
(ROSA, p. 245, 2009)

A velha, no entanto, não está alheia a essa tentativa de estabelecer conexão, e sim, extremamente inclinada ao mesmo. A personagem conversa sobre o Brasil com o narrador, na tentativa de despertar sua simpatia e trazê-lo mais para perto de si, derrubando-lhe os muros do afastamento e tratando de liquidar qualquer estranhamento. Porém, mesmo sob toda a natureza latina que tentava emular, ainda assim, voltava ao presente e, mais uma vez, causava o distanciamento do narrador com a “sua gélida pátria”. Novamente, percebemos, que o narrador não se inclui entre os alemães, ele se distancia e desassocia sua imagem dos nórdicos. O narrador não aceita aquela herança cultural para si, não se inclui naquela sociedade, são eles e “eu”; não existindo uma unidade representativa para todos; porém, o autor ignora que também não há uma questão intrínseca que o separe de todos os outros, que retalie a sociedade em fragmentos. Assim como mostram as pesquisas antropológicas de Marc Augé.

Ela trata de todos os outros: o outro exótico, que se define em relação a um “nós” supostamente idêntico (nós franceses, europeus, ocidentais); o outro dos outros, o outro étnico ou cultural, que se define em relação a um conjunto de outros supostamente idênticos, um “ele”, na maioria das vezes, resumido por um nome de etnia; o outro social: o outro do interior, com referência a qual se institui um sistema de diferenças que começa pela divisão dos sexos, mas que define, também, em termos familiares, políticos e econômicos, os respectivos lugares de uns e outros, de modo que não é mais possível falar de uma posição dentro do sistema (...) sem referência a um certo número de outros; o outro íntimo, enfim, que não se confunde com o precedente, que está vivendo nas cerne de todos os sistemas de pensamento, e cuja representação universal, responde ao fato de que a individualidade absoluta é impensável: a hereditariedade, a herança, a filiação, a semelhança, a influência são categorias por meio das quais se pode apreender uma alteridade complementar, e mais ainda, constitutiva de toda individualidade. (AUGE, p. 22, 1994)

Considerar que todos os outros são diferentes do seu “eu” faz o narrador se inserir em uma espécie de espaço vazio existencial que o faz sentir falta de seu local de origem, pois este afastamento faz com que o mesmo reconheça um nacionalismo – assim como diz Said, “Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação” (SAID, 2003) – que o põe em distanciamento do ambiente que agora ocupa, causando essa sensação de não-lugar e o estranhamento típico do estrangeiro em exílio.

A velha, implacável, continua a tentar persuadir o narrador a um ambiente comum em que ambos sintam-se parte do mesmo lugar no espaço e lhe faz uma revelação: “– Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela nem ele jamais o souberam... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu” (ROSA, 2009, p. 246). Essa novidade não desperta no autor nenhuma empatia e sim, certa receio em relação à velha: “Seu coração não pesava um miligrama?” (ROSA, 2009, p. 246).

Entretanto, o narrador é quem assume uma postura gélida quando parece incapaz de conceber um sentimento compatriota com a filha da velha e renega ajuda, justificando que a filha da personagem sequer era brasileira. Pois, apesar de compartilharem a irmandade de nascimento, não compartilhavam, no entanto, a mesma pátria e sentimento nacionalista.

O narrador assistiu às últimas palavras da velha que dizia: “– Ele foi um vosso compatriota, o amor de minha vida!” (ROSA, 2009, p. 248). A velha ainda apela para o sentimento patriótico do narrador, porém, nada obtém. O narrador culpa ao sistema por estar impotente frente àquela situação, o mesmo sistema que o impede de ajudar a horoscopista, no conto de “A senhora dos segredos”. Ou seja, o narrador culpa o sistema estrangeiro pela sua impossibilidade de ajudar as pessoas que precisam dele. Ao mesmo tempo em que vive em um exílio, que constrói muros ao redor de si para com aquela sociedade, também não se põe a disposição de rejeitá-la completamente, pois obedece a um sistema do qual não se sente fazendo parte, porém tendo a consciência que naquele momento, o faz. É um paradoxo de pertencimento, o sentido e o concreto.

Todo o sentimento de não pertencimento sentido pelos exilados é proporcionado pela cultura inerente a cada pátria. A cultura, a língua, a situação sócio-política dos países são o que une um grupo de pessoas e faz delas pertencentes ao mesmo lugar no espaço. É um sentido de comunidade e sociedade, inventados pela condição humana para restringir certos costumes, ditar padrões e diferenciar grupos. Assim como descreve Toni Negri, em seu ensaio sobre o exílio e a sociedade.

Seria preciso começar por uma pequena precisão histórica. O termo multidão era pejorativo, negativo, quando usado pela ciência política clássica. Multidão era o conjunto das pessoas que viviam num mundo pré-social que era necessário transformar numa sociedade política, numa sociedade, que era, portanto, preciso dominar. (NEGRI, p. 30, 2001)

Então, a partir deste sentimento de comunidade e sociedade, veio também o sentimento de pertencimento, de estar no lugar certo. Assim, mesmo quando o indivíduo se encontra incluído em outra sociedade, ele não sente que faz parte da mesma. Devido ao conjunto de regras, de padrões, de língua que são inerentes às culturas, quando o sujeito abandona o seu conjunto familiar, ele costuma sentir-se deslocado, e claro, em uma situação transitória, pois não se reconhece como parte integrante do sistema que está inserido.

Edward Said, o escritor base deste trabalho, foi alguém que soube exatamente como este sentimento se manifesta e como o estrangeirismo é nocivo ao pertencimento do indivíduo num espaço-lugar.

[...] Ficamos por ali enquanto o fogo era aceso e os *marshmallows* e os cachorros-quentes eram preparados para assar, e me veio uma sensação de solidão e falta de propósito. Onde eu estava? O que estava fazendo ali, naquele cenário americano que não tinha ligação alguma com o que eu era ou mesmo com o que eu me tornara depois de três anos numa escola americana no Cairo? (SAID, p. 205, 2004)

Said, diferentemente do narrador, nunca teve uma referência cultural e nacionalista para se basear, pois foi criado em diferentes ambientes dos quais não se sentia parte. O narrador dos contos presentes em *Ave, Palavra* é latino americano, mais especificamente, brasileiro. Então, por ter uma pátria definida, uma língua primordial, uma cultura enraizada e uma noção de mundo estruturada, o narrador se sente longe do que conhece; separado do que lhe é familiar.

Enfim, através do estudo presente neste trabalho, identificamos que o indivíduo exilado é participante de uma cultura na qual se identifica inserido em um conjunto comum, uma sociedade, e quando afastado desta, cria um sentimento de estranhamento para com aqueles estrangeiros, procurando construir um grupo familiar à sua volta que remonta a sua ambientação íntima, levantando muros em volta do seu ciclo social, além de construir barreiras diversas para delimitar as características comuns entre os povos – e não se esquecer de onde vem.

Através dos contos, percebemos que o narrador não se vê familiarizado com o ambiente em que se encontra, construindo a sua volta um ciclo social restrito, um distanciamento para com os alemães e assim, e certa estranheza para com a cultura nórdica. Além de identificar o sentimento de exílio presente nos textos, estabelecemos que o narrador se encontrava em possível negação sobre o seu pertencimento – mesmo que temporário – naquela cultura estranha. Apesar de fisicamente estar presente ali, seu amor à pátria e seu nacionalismo – juntamente com as suas referências sociais e de herança cultural – permaneceram presentes, tornando o narrador um fora do lugar, assim como Said.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **A cultura que vem**. Lisboa: Portugal. Editora Presença: 1990.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: São Paulo. Editora Papyrus: 1994.

NEGRI, Toni. **Exílio – seguido de valor e afeto**. Campinas: São Paulo. Editora Iluminuras: 2001.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: RJ. Editora Nova Fronteira: 2009.

SAID, Edward W. **Fora do Lugar**. São Paulo: SP. Editora Schwarcz: 2004.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: SP. Editora Companhia das Letras: 2003.